

Como recuperar áreas degradadas

O GEÓGRAFO AZIZ AB'SÁBER EXPLICA SEU PROJETO, PREMIADO INTERNACIONALMENTE, DE REDUZIR O EXCESSO DE GÁS CARBÔNICO NA ATMOSFERA COM A PLANTAÇÃO DE PINUS E EUCALIPTOS

Patrícia Ferraz

Agilberto Lima/AE

O projeto Florestas Ambiente (Floram), que foi recentemente premiado pela Academia Internacional de Ciências e pela União Internacional de Prevenção à Poluição do Ar, é basicamente uma proposta de redução do excesso de gás carbônico da atmosfera a partir do plantio de florestas de pinus e eucalipto?

Este é seu objetivo principal: seqüestrar o excesso de gás carbônico da atmosfera, que está causando o efeito estufa, a partir do plantio de florestas. Mas ao mesmo tempo o projeto terá um impacto ambiental positivo que é a recuperação de áreas degradadas. É preciso lembrar que o plantio de árvores não basta. Ainda que sejam implantados inúmeros projetos Floram em todo o mundo, de nada adiantará a retirada do excesso de gás carbônico se os países do Primeiro Mundo continuarem a provocar enormes emissões. É preciso que os países desenvolvidos mudem sua postura.

Já se sabe que as florestas têm a capacidade de 'seqüestrar' o gás carbônico da atmosfera enquanto estão em crescimento.

to, distribuídas pelo mundo inteiro.

O Floram prevê o plantio indiscriminado de pinus e eucalipto por todo o País? Isso não poderá trazer riscos à diversidade de espécies?

Não se trata de plantar florestas de eucalipto e pinus em qualquer lugar, mas sim em áreas intensamente degradadas. O Floram também prevê o plantio de florestas ricas em biodiversidade com espécies nativas da região, principalmente em áreas degradadas nas cabeceiras de rios. Excluímos do projeto a Amazônia porque ali não é lugar para se plantar florestas homogêneas, até porque o solo é ruim. Também deixamos de fora o Pantanal, onde há uma situação hidrológica complexa que torna possível a existência do maior reservatório de biomassa animal do planeta. Seria um erro interferir em regiões como estas. Nessas áreas fizemos, entretanto, quatro exceções, onde sugerimos o reflorestamento com pinus e eucaliptos: o corredor Carajás/São Luiz, que foi intensamente degradado pela atividade agropecuária; os cerradinhos do Amapá, a faixa de periferia do norte do Mato Grosso e Tocantins, onde a vegetação não é típica de floresta amazônica. Também retiramos do projeto as áreas de intensa atividade agrícola, onde não faz sentido trocar as plantações por florestas.

A idéia é implantar essas florestas em propriedades particulares, em que moldes?

Não fazemos diferenças entre pequenas, médias e grandes propriedades. Mas existem duas situações distintas, as plantações das indústrias de papel e celulose e as propriedades de menor porte ou destinadas a outro tipo de atividade. Concluímos que as áreas de reserva técnica, onde estão as florestas de grande extensão que abastecem a indústria de papel e celulose, não podem crescer indiscriminadamente. Então a idéia ali é limitar as florestas plantadas em 100 mil hectares e só permitir novas reservas técnicas em áreas menores, com 15 a 20 mil hectares, localizadas entre 50 e 70 km de distância das áreas maiores. Esta é a maneira de evitar que os grandes proprietários comprem as terras ao redor das áreas maiores para aumentar as reservas técnicas.

Agilberto Lima/AE



“PARA REDUZIR O EXCESSO DE GÁS CARBÔNICO DO PLANETA ESTIMA-SE O PLANTIO DE 400 MILHÕES DE HECTARES”

Mas depois que se estabilizam, elas passam a liberar para a atmosfera exatamente a mesma quantidade de gás carbônico que seqüestram.

Essas espécies têm ciclo de crescimento de cinco a sete anos, mas rebrotam em três ou quatro troncos durante cerca de 20 anos, cumprindo o papel de seqüestrar o gás carbônico nesse período.

No caso de eucalipto e de pinus a situação tem um agravante: essas espécies serão plantadas para serem utilizadas pela indústria de papel e celulose, ou queimadas para geração de energia e combustível e portanto servirão para aumentar as emissões de gás carbônico. Nesta perspectiva, qual a vantagem desse plantio para o controle de poluição?

O corte das árvores é um mal necessário, mas o gás carbônico que será emitido pelas fábricas de papel e celulose e pelas outras atividades é infinitamente menor do que o volume de gás que será seqüestrado da atmosfera. Não tenho de cabeça os números, mas é assim. Apesar da descompensação provocada pelas novas emissões, haverá redução de gás carbônico.

O projeto propõe o plantio de florestas em 20 milhões de hectares de terras degradadas no País, durante um período de 30 anos. Em que se baseia este cálculo?

Calculamos que com o plantio de florestas em 20 milhões de hectares de terras será possível reduzir 5,3% dos 27% de gás carbônico em excesso na atmosfera no Brasil. Para reduzir todo o excesso de gás carbônico do planeta estima-se que devam ser plantados 400 milhões de hectares de espécies de rápido crescimen-

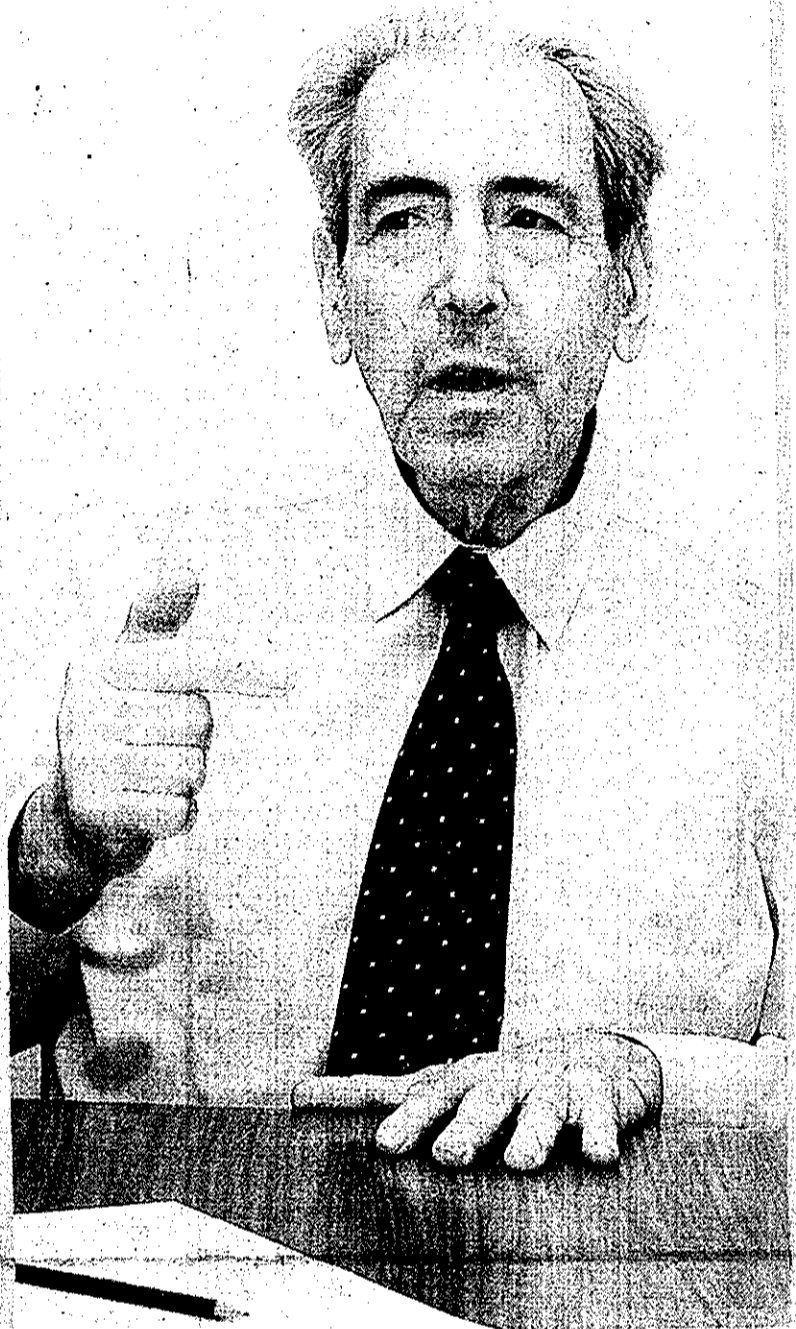
Agilberto Lima/AE



“O FLORAM TAMBÉM PREVÊ O PLANTIO DE FLORESTAS RICAS EM BIODIVERSIDADE, PRINCIPALMENTE EM CABECEIRAS DE RIOS”

E qual é a proposta para as demais áreas?

Nas faixas ao redor das reservas técnicas, incentivariamos a plantação de florestas de pinus e eucalipto em cerca de 20% da área de cada propriedade. Esse percentual varia de acordo com o estado de degradação do solo, podendo chegar a 50% nas áreas mais degradadas. A venda dessa madeira aumentaria a lucratividade da propriedade. Nos 80% restantes incentivariamos as florestas de biodiversi-



Quem é Aziz Ab'Sáber

Nome: Aziz Nacib Ab'Sáber
Nacionalidade: brasileira
Local de nascimento: São Luiz do Paraitinga, Vale do Paraíba, São Paulo
Idade: 72 anos
Estado civil: casado
Filhos: cinco

Formação: geógrafo, especialista em geografia física
Ocupação atual: professor honorário do Instituto de Estudos Avançados da Universidade São Paulo (IEA-USP)

Cargos exercidos: ex-professor da Faculdade de Geografia da USP, ex-diretor da Faculdade de Geografia da USP, ex-presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), ex-diretor do Instituto de Estudos Avançados (IEA-USP), ex-presidente do Condephaat, ex-presidente da Academia Brasileira de Ciências

Publicações: autor de 325 trabalhos acadêmicos entre artigos, monografias e livros
Próxima publicação: *Amazônia — da Teoria à Praxis*, previsto para este mês, pela Edusp

dade nas cabeceiras de rios e canais de escoamento e bosques para proteger o gado, além de pequenas agriculturas e pastagens. Este conjunto revitalizaria as pequenas propriedades e aumentaria seu valor.

Muitos ambientalistas criticam o Floram porque o eucalipto e o pinus são justamente as espécies que mais degradam o solo, consomem grandes quantidades de água e nutrientes. O senhor concorda?

Embora nos solos onde se plante pinus se torne impossível plantar posteriormente qualquer outra cultura, não há nada que tenha ressecado o solo tanto quanto o desmatamento generalizado. Essas espécies de crescimento rápido têm a vantagem de rebrotar. Seu plantio é recomendado em áreas já muito degradadas, para recuperá-las. Posso garantir que o eucalipto é a única árvore que vai buscar a água mais profunda, ou seja, sobrevive e cresce em áreas onde outras espécies não teriam chances.

A que o senhor atribui as cri-

ticas de muitos ambientalistas ao Floram?

Ao eucalipto. Eles não têm noção do que significa pulverização de plantações. Não têm idéia da possibilidade de convivência perfeita entre eucalipto e outras espécies. Quem conhece essa convivência não tem receios. Para muitos ambientalistas o que importa é a capacidade de intuir sobre o que pode acontecer em determinadas circunstâncias. Eles têm neuroses, porque falta conhecimento. Mas nós da universidade temos como missão prestar esclarecimentos.

No Brasil ainda é grande a derrubada de florestas nativas para uso de madeira. Em Estados como Espírito Santo e Minas Gerais esse problema é grave. O Floram teria a função de aliviar essas pressões?

O Floram foi elaborado no

Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, sob sua coordenação, em 1989, porque só agora ocorreu a premiação?

O Floram só ficou internacionalmente conhecido recentemente graças ao secretário municipal de Meio Ambiente, Werner Zulauf, que providenciou uma versão em inglês e se incumbiu de distribuí-la fora do Brasil. Desde o início, Zulauf foi um dos grandes entusiastas do projeto.

Em sua opinião, o que levou o Floram a derrotar 1.500 outros projetos provenientes de 50 países e obter a cobiçada premiação internacional?

Acho que o Floram venceu por seu apelo social. Na mentalidade dos países desenvolvidos e dos cientistas europeus a problemática das florestas sociais está muito presente. O conceito de *social forestry* consiste em induzir famílias a obter maior lucratividade a partir do uso de sua propriedade, incluindo o uso da árvore.

Mas num País como o Brasil, onde há desemprego e enormes conflitos de terra, não seria um equívoco classificar de 'social' um megaprojeto que propõe soluções apenas para os proprietários de terras? Ao mesmo tempo pinus e eucalipto são culturas que ocupam grandes áreas e demandam baixíssima mão de obra...

O conceito de *social forestry* pode ser aplicado ao Floram no sentido de fixação de grupos humanos às glebas de terra, revitalizando-as de modo a aumentar sua produtividade. Quando a produtividade é baixa ocorrem as fugas da população para as cidades. Inefizmente nesta primeira fase do projeto só foi possível lidar com propriedades privadas. Mas tenho planos de fazer um Floram exclusivo para áreas de assentamentos, para propor alternativas capazes de evitar que os assentamentos fracassem. Essa idéia me ocorreu depois que tive a chance de constatar o estado de degradação em que se encontra o Pontal de Paranapanema.

Qual a perspectiva de implantação do Floram?

Agora com a premiação, volto a ter esperanças. O projeto propõe diretrizes para o reflorestamento e depende de vontade política para ser implantado.

Agilberto Lima/AE



“NÃO HÁ NADA QUE TENHA RESSECADO TANTO O SOLO QUANTO O DESMATAMENTO GENERALIZADO”

Sempre tivemos a certeza plena de que um projeto de reflorestamento do porte do Floram só poderia ser implementado por instituições governamentais esclarecidas e poderosas, jamais poderia ser gerenciado por particulares, por empresas ou pela Academia. O Floram, foi elaborado numa época de profunda decadência do planejamento no Brasil, para ser doado para governantes. Ele é um presente de alguns poucos para autoridades minimamente compe-

tentes, capazes de pensar o Brasil e o planeta Terra com a mesma coerência. Enquanto não existirem idéias melhores — baseadas em conhecimento científico, criatividade e consciência social —, a oferta do Floram continua em aberto.

Quem financiaria o Floram?

Acho que precisaria haver uma associação entre três ministérios, Ciência e Tecnologia, Meio Ambiente e Educação. Estes três ministérios têm força para garantir as bases de implantação do Floram. O primeiro passo seria incentivar a formação de hortos municipais, onde seriam produzidas as mudas a serem plantadas. Uma hipótese é a formação de um fundo para a aquisição e doação das mudas — esse é o incentivo básico a ser ofertado. Caberia às prefeituras doar os terrenos. Ao Ministério de Educação caberia revitalizar as escolas rurais.

Qual seria o papel das escolas rurais no Floram?

As escolas rurais teriam o papel fundamental de educar a população, mostrando como recuperar áreas degradadas nas cabeceiras dos rios.

Agilberto Lima/AE



“SUBSTITUIR O USO DE MADEIRA DE FLORESTAS RICAS PELA MADEIRA PLANTADA IRÁ MINIMIZAR A DEVASTAÇÃO”

As escolas rurais poderiam ainda fornecer suporte técnico para o plantio de florestas biodiversas, silviculturas. Isso não se consegue sem a educação da população.

Algumas reportagens destacam entre as propostas do Floram a isenção de impostos aos proprietários de áreas engajadas no reflorestamento. Os preços de papel e celulose no mercado internacional estão elevados, o Brasil é o 1º produtor mundial de celulose de fibra curta e o 7º produtor mundial de celulose, o que significa que o setor vai bem. O senhor acredita que esta isenção é necessária?

Em nenhum instante o Floram propôs isenção de impostos para quem plantar eucalipto e pinus. Isto foi uma interpretação errada de um comentário feito pelo Werner Zulauf. E desde que isso foi publicado tenho recebido inúmeros telefonemas de pessoas interessadas em obter a tal isenção de impostos. Ao contrário, acho que as indústrias de papel e celulose, que têm hortos com produção de mudas em larga escala deveriam inclusive fazer doações de mudas.

Gostaria que o senhor falasse um pouco sobre o seu livro, que será publicado até o fim do mês pela Edusp.

Escrevi alguns livros em parceria, este será meu primeiro livro sozinho, é a minha menina dos olhos. Chama-se *Amazônia — da Teoria à Praxis* e espero que esteja pronto antes do Natal. Reuni todos os meus trabalhos sobre Amazônia e acrescentei temas, como a descoberta de petróleo e a crise de Carajás. Deverá ser distribuído também na Alemanha.